

SURI

COLEÇÃO LITERATURA INDÍGENA

REVISTA PIHHY

Cegraf UFG



Universidade Federal de Goiás

Reitora

Angelita Pereira de Lima

Vice-Reitor

Jesiel Freitas Carvalho

Diretora do Cegraf UFG

Maria Lucia Kons



FCS
FACULDADE DE
CIÊNCIAS SOCIAIS



MINISTÉRIO DA
CULTURA





SURI

COLEÇÃO LITERATURA INDÍGENA

REVISTA PIHHY

Cegraf UFG

2024

© Cegraf UFG, 2024
© Revista Pihhy, 2024

Capa, projeto gráfico e diagramação

Bruno Oubam

Laryssa Tavares

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG**

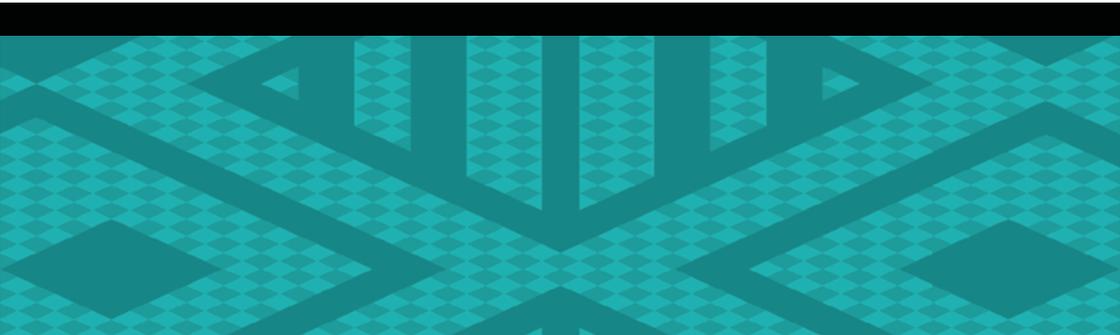
R454 Revista Pihhy.

Suri [Ebook]. / Revista Pihhy. – Dados eletrônicos (1
arquivo : PDF). - Goiânia : Cegraf UFG, 2024.
Coleção Literatura Índigena

ISBN: 978-85-495-0895-9

1. Literatura indígena - Brasil. 2. Indígenas da América do
Sul - Brasil. 2. Escritores indígenas - Brasil. 3. Professores
indígenas. 4. Cosmologia indígena - Brasil. I. Título.

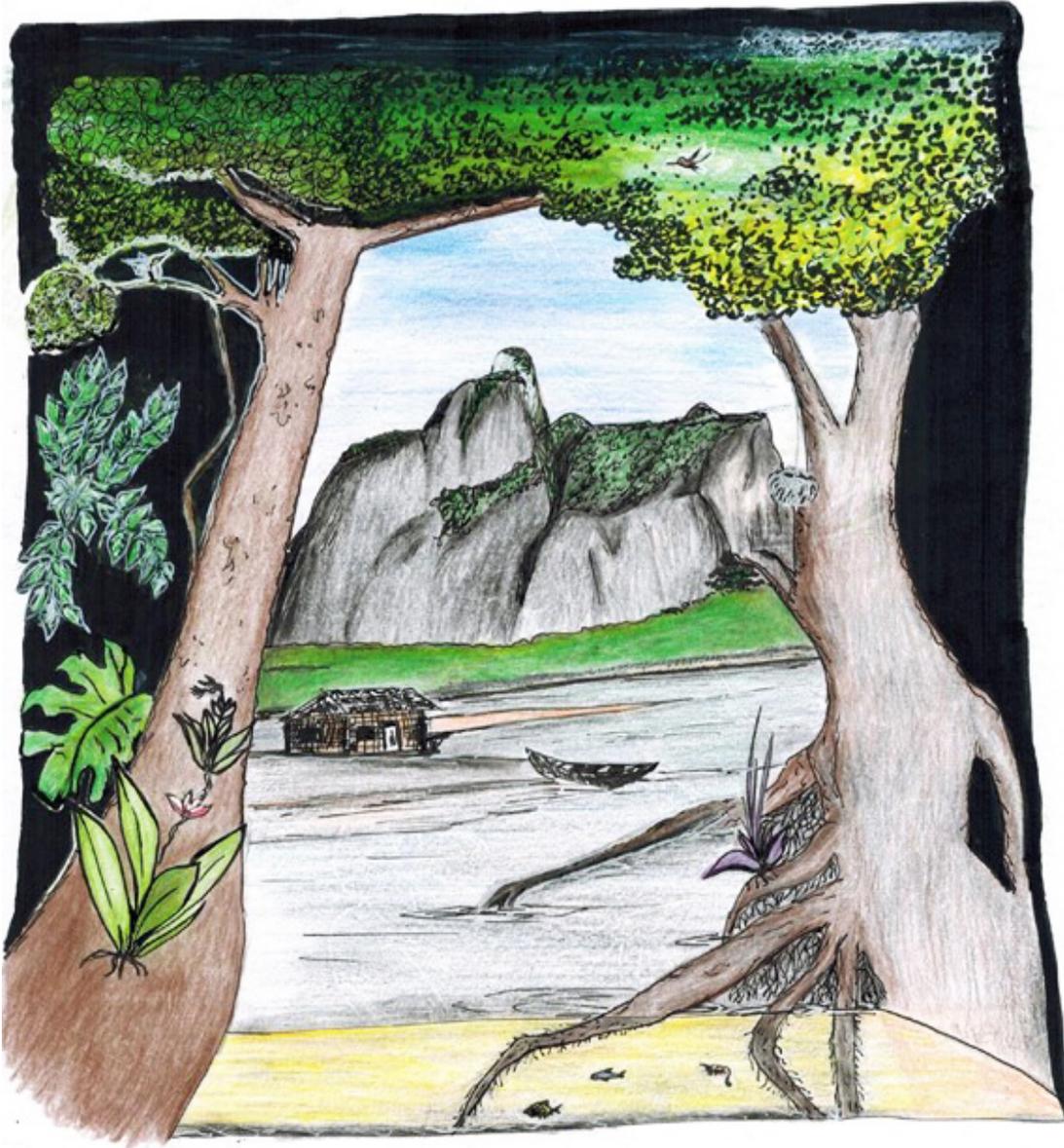
CDU: 821(=1.81-82)



Sumário

APRESENTAÇÃO	7
SURI (FELIZ EM NHEENGATU)	11
ARIGAU, CACHORRO BOE	16
CUUHÊ MÊ KR UW/ ARCO E FLECHA MÊHI	26
CORGOPÔ P APARUTO MÊHI	29
ALDEIA DOS PÁSSAROS	32
A HISTÓRIA DE ORIGEM DO POVO IÑY	
BERATXI MAHADU	36
HISTÓRIA DE 'RATA'RÁ DO A'UWÊ	39
WASITOPRE ESTRELA	45
A PREGUIÇA PIMENTA	52

Suri



Desenho: Gil Morais



APRESENTAÇÃO

Este livro tem como base a relação entre a escritora Desana, Bete Morais e docentes indígenas do Curso de Educação Intercultural, do Núcleo Takinahaky de Formação Superior Indígena (NTFSI), da Universidade Federal de Goiás (UFG). Em janeiro de 2023, 08 docentes indígenas dos povos Mehi-Krahô, A'uwê-Xavante, Akwê-Xerente, Tentehar-Guajajara, Boe-Bororo, Timbira e Iny-Karajá participaram de componente curricular sobre a relação entre interculturalidade, educação e arte, refletindo sobre o potencial do trabalho com a arte nas escolas e nos territórios originários, e nas escolas e nos territórios não indígenas. Afinal a interculturalidade é para todo mundo.

Na ocasião, os docentes indígenas trataram da ideia de “arte da vida”, problematizando a categoria “arte” e pensando nela como maneira própria de se viver, de se constituir boas relações entre pessoas, seres, espécies e território, com base nos conheci-

mentos ancestrais, em busca do que se pode chamar “bem viver”. Neste sentido, tomaram como base a ideia que há relações, perspectivas e práticas centrais para determinados modos de ser, presentes em dinâmicas entendidas como “tradicionais”, vinculadas ao território, como nas musicalidades, regras de respeito, organização social, resguardos etc., acessados no ciclo anual de cada comunidade.

Ficou evidente o caráter relacional presente em tais perspectivas, assim como postula o intelectual indígena Cree, Shawn Wilson. É como se nos mundos indígenas expressos na “arte da vida”, os elementos devessem sempre estar conectados. A roça Mehi-Krahô, por exemplo, que aparece em um dos contos deste livro, está conectada às cantorias, a alguns animais, a determinada organização social, ao período de tempo chuvoso ou seco, vinculadas a divisão social em metades, Wacméje e Katámjé, e ao ciclo anual comunitário. Simultaneamente, todas as práticas estão relacionadas ao pátio central – Cà – entendido como Amcro, o sol, em português.

Neste período, tivemos uma aula aberta da escritora Desana, Bete Moraes, a partir da leitura de sua obra intitulada “Yandé Anga: nossa alma” (2021). A literatura indígena contemporânea apareceu, então, como ponte entre as trajetórias indígenas, seus povos, as histórias dos avôs/avós, as crianças, jovens e adultos indígenas e não indígenas.

Este audiolivro é inspirado na atuação dela. No livro a autora narra histórias contadas por seus avós na região do Alto Rio Negro, acessando a me-

mória do grupo. A relação entre gerações, entre avôs/avós e netos/netas se mostrou central para a transmissão de conhecimentos importantes para o bem viver. Cada conto presente neste livro é uma homenagem aos avôs e avós de povos originários diversos, representando a beleza e importância da relação e dos conhecimentos acessados nela.

Tais narrativas apresentam, ainda, por meio da perspectiva da neta/do neto, personagens, relações e elementos dos conhecimentos indígenas, vinculados a distintas e particulares matrizes epistemológicas. Lá podemos apreender noções sobre o mundo, a natureza, as culturas, o parentesco, o respeito, as relações interétnicas e a importância das epistemologias indígenas. Ficou evidente que temas como a relação com a natureza, a constituição de pessoas e os modos de vida voltados ao bem viver são centrais e fazem sentido a diferentes povos. É evidente, também, que se trata de histórias territorializadas, no sentido de que possuem como base o território vivido.

Trata-se de um audiolivro, escrito e contado em português, e se destina a crianças, jovens e adultos indígenas e não indígenas, estabelecendo vínculos interessantes sobre as populações e apresentando outras possibilidades possíveis de aprendizagem intercultural não acessadas em outras epistemologias, especialmente nas que possuem como base princípios da modernidade-colonialidade.

Ele problematiza, assim, a prevalência e a imposição de perspectiva monocultural pautada na

matriz moderna-colonial. Rompe com dicotomias ocidentalizantes como a separação entre natureza e cultura a relação entre a escrita e a oralidade, nos oferecendo a oportunidade, ainda, de pensar esteticamente no caráter universal da interculturalidade, que deve ser para todos.

Suri busca, portanto, ser material importante para a constituição de novas práticas pedagógicas, pautadas em outros conteúdos e relações, apontando para novas possibilidades curriculares. Além disso, levar para escolas indígenas e não indígenas, bibliotecas, grupos de estudo e para o público em geral, a possibilidade de, por meio de histórias indígenas diversas, falarmos e aprendermos desde outros conhecimentos e linguagens, sobre temas importantes, como o bem viver, a sustentabilidade, as relações entre pessoas e seres, o plurilinguismo e a diversidade cultural. Trata-se de material importante para educadores, educadoras, crianças, jovens e adultos, em busca de um mundo mais plural, democrático e justo.

Revista Pihhy
Janeiro, 2024

SURI

(Feliz em nheengatu)



Bete Morais

É uma indígena da etnia do povo desana, natural de São Gabriel da Cachoeira, no Estado do Amazonas.

É atriz, dramaturga, escritora, poetisa, arte-educadora e bacharel em Direito. Atua no teatro desde 2011, na área da performance corporal, um teatro social, que retrata as relações humanas e o meio ambiente. Coursou Teatro no Centro de Artes da Universidade Federal do Amazonas, Direito na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e atualmente desenvolve uma oficina de corpo e voz na área da educação. O conteúdo, os temas, a visão de mundo e o estilo das suas narrativas de ficção são expressões

da sua cultura ancestral tukana e desana e do ambiente civilizatório do alto Rio Negro, Amazonas, Brasil. Arte para ela é uma forma de conversar com o mundo, é autoconhecimento, é dividir aquilo que está sentindo.

Era uma tarde de verão, a água estava gelada depois da chuva. Eu caminhava descalça sobre as pedras, buscando uma boa história, uma nova descoberta.

Depois de alguns minutos observando o rio, um grande peixe deu um lindo salto, acho que era um pacu gigante. Caminhei mais um pouco e avistei numa pequena ilha cheia de pedras muitas andorinhas sentadas, enquanto umas estavam sentadas, apenas sentindo a brisa do rio, outras entravam e saíam do buraco de uma pedra.

As andorinhas tinham um canto mágico, elas me levavam a outros mundos, tudo parecia ficar perfeito e equilibrado quando elas estavam por perto. Elas estavam sempre soprando a mesma coisa nos meus ouvidos, "para voar é preciso sonhar".

Eu estava na ilha das "gentes cutias", e de lá eu ficava mirando aquelas andorinhas, que deslizavam por cima do Rio e depois retornavam para a grande pedra. Eu realmente estava determinada a chegar perto daquelas andorinhas, estava louca para conhecer o ninho delas.

Suspirei e comecei a procurar uma canoa para atravessar até a pequena ilha. Achei uma canoa bem pequena, só cabia uma pessoa, mas ainda faltava o remo. Fiquei uns vinte minutos procurando, mas só achei um pequeno graveto.

Eu entrei na pequena canoa e fiquei deslizando o graveto na água, conversando com o Rio, assim como fazia todos os dias. Depois de alguns minutos, o Pequeno, cachorro da minha vó, chegou correndo e entrou na canoa, como se perguntasse: Ei, para onde vai?

Peguei em uma das suas patas, fiz carinho na sua cabeça e disse:

– Estou tentando ir até aquela ilha para ver as andorinhas, mas não achei nenhum remo. Depois que eu falei isso a canoa começou a se balançar e nós quase caímos na água de susto.

Eu e o Pequeno saímos correndo e a canoa continuou a se balançar, porém não tinha nenhum banzeiro, eu até pensei que fosse um boto brincalhão, porque uma vez um boto brincalhão nos seguiu quando voltamos da prainha. Por aqui sempre aparece um boto brincalhão, mas minha vó diz que eles são encantados e podem nos levar para outros mundos.

A verdade é que eu e o Pequeno com certeza iríamos para o mundo do boto brincalhão, porque nossa curiosidade é maior que o nosso medo, mas aquela canoa balançando sozinha estava estranho.

Eu e o Pequeno ficamos observando de longe, e aí eu tive uma ideia, me aproximei da canoa e perguntei:

– Pode levar eu e o Pequeno naquela ilha?

Logo em seguida veio a resposta. Depois que fiz a pergunta a canoa se balançou.

Eu olhei pro Pequeno e disse:

– Parece que a canoa quer levar a gente naquela ilha, mas você pode ficar.

Pequeno deu uma chorada, mas entrou na canoa, e depois fechou a cara com as patas.

Eu olhei para o Pequeno e disse:

Segura que eu vou empurrar a canoa, e não fique com medo, nós sabemos nadar, qualquer coisa nadamos até uma pedra e pedimos ajuda. Daí ele ficou mais calmo e balançou o rabo.

Eu empurrei e entrei na pequena canoa, nós fomos deslizando em direção a casa das andorinhas, mas quando chegamos no canal a canoa começou a baixar, eu e o Pequeno ficamos com os olhos arregalados. A canoa desceu mais um pouco e nós fechamos os olhos, mas depois começamos a ouvir barulho de banheiro, então abrimos os olhos novamente. Então percebemos que as ondas do Rio estavam nos levando para a casa das andorinhas. E finalmente respiramos!

Encostamos na pedra, devagar, o Pequeno saiu correndo e eu puxei a canoa na pedra. Chamei o Pequeno, olhei para ele e disse:

– Acho que Rio gosta da gente! Ele então pulou, começou a latir e eu disse:

– Não pode latir Pequeno, as andorinhas vão voar.

Bem, realmente quando chegamos na grande pedra não tinha nenhuma andorinha, ficamos os dois tristes. O sol estava quase desaparecendo, sentamos um ao lado do outro e ficamos admirando o pôr do sol.

Quando bateu um vento frio, eu suspirei e fechei os olhos. Depois de alguns minutos, ainda com os olhos fechados eu comecei a ouvir as andori-

nhas, então comecei a sorrir, era como se o som das andorinhas estivesse saindo de dentro de mim. Sim, elas faziam parte do meu corpo, eram a minha cura, o eco da minha pequena alma.

Depois de passar alguns minutos sentindo o pôr do sol, caminhamos devagar em direção a pequena canoa para retornar para a casa.

A volta era mais tranquila porque a ilha das andorinhas ficava acima da "ilha das cutias", então era só empurrar a canoa e deixar ela ser levada pela correnteza até chegar no remanso. Mas na volta aconteceu algo surpreendente.

Quando chegamos na metade do caminho a nossa pequena parou de se mover, e então vimos dois grupos de milhares de andorinhas cada cruzarem nosso caminho. Pequeno ficou feliz da vida, começou a latir e pular na proa da canoa.

Os dois grupos de andorinhas começaram a fazer coreografias na direção do pôr sol, e elas sempre passavam coladas ao redor, fazendo vento. Elas passavam voando sincronizadas ao nosso redor e também por cima das nossas cabeças. Foi uma festa de magia e alegria.

Depois do ritual das andorinhas a nossa pequena canoa começou a descer novamente e em seguida o grupo de centenas de andorinhas foi engolido pela energia do Rio Negro. Eu e o Pequeno voltamos felizes e cheios de andorinhas dentro de nossos corpos.

ARIGAU, cachorro Boe



Agostinho Eibajiwu

Professor da Escola Sagrado Coração de Jesus, na aldeia Meruri, território Boe-Bororo.



Escute o conto!

<https://encr.pw/QfNRS>

Para o avô e pajé, Cirilo Tugure Tuwo.

Meu conto é sobre Arigau, o cachorro. Eu homenageio o meu avô Cirilo, que eu conheci depois de rapaz. Se fosse no tempo de criança, eu ia falar com ele, para me contar vários contos.

Conta meu avô que uma família tinha ganhado um cachorrinho e as crianças gostavam tanto do cachorrinho que até dormiam com ele. O cachorrinho era cheio de alegria, era tão dócil, fofinho, lindo, que era muito cuidado por todos da família. O pai das crianças, um dia saiu para pescar e conseguiu pescar um belo peixe, um matrinxã.

Logo o pai foi para casa feliz, com seu belo pescado. De longe seus filhos ouviram e saíram correndo ao seu encontro. O cachorrinho foi junto correndo, todos felizes, e o pai disse:

– Vejam o que eu pesquei. Um lindo peixe matrinxã para comer hoje. Ele falou com a esposa: “Prepare nosso peixe para comer”.

A esposa, mais que depressa foi para a fogueirinha, onde faz sua comida. Juntou lenha na fogueira com seu abano, começou a abanar até o fogo acender. Ela pegou o peixe e saiu para cortá-lo quando viu que o peixe estava cheio de ovos e chamou seu esposo: “Mais que rápido, meu velho, venha! Veja, o peixe está cheio de ovos. Não será o tempo dos peixes povoarem?”.

“Sim, é o tempo, sim, não vou mais pescar por um tempo”.

Vieram atrás as crianças e o cachorrinho, correndo, para saber o que acontecera. “Vejam crianças, o peixe está cheio de ovos e o tempo que os peixes estão dando ovos é o tempo da piracema. Por isso o pai de vocês não vai mais pescar. Penso que agora, para nossa comida, ele vai caçar para nos alimentar”.

Ela foi para o seu fogareiro com o peixe em sua panela de barro e colocou para cozinhar em sua fogueira. Enquanto cozinjava, as crianças brincavam com o cachorrinho no pátio da aldeia: "Venham comer, filhos, tragam o cachorrinho para comer "Já estamos indo mãe" disse as crianças, correndo para a mãe.

"Sentem todos na esteira e vou servir vocês".

"O peixe com mandioca, na bandeja de barro, está uma delícia, filhos". "Oh, que bom, mãe! Já estamos sentados na esteira e o cachorrinho está conosco", disse os filhos.

Todos disseram e serviram o cachorrinho. Com o passar dos tempos, o cachorrinho cresceu e virou caçador, logo o seu dono foi caçar com ele na mata, onde sumiram à procura da caça. No meio da mata, no caminho, o cachorro encontrou uma onça aos pés de uma árvore, sentada e observando algo. Ele perguntou para a onça: "O que você faz aí sentada a olhar?"

"Estou com fome", disse a onça. "Encontrei esta cigarra aqui no pé desta árvore, eu ia pegá-la para comer, mas ela me disse para esperar, e aqui estou eu, esperando o, sim, dela".

– Ah, sim, eu também estou com fome, por isso estou aqui na mata a procura da caça, mas vou te avisar: dá no pé porque meu dono está vindo e pode te matar, como amigo, estou te avisando.

A onça respondeu: "Tudo bem, mas eu estou com muita fome e vou atacar esta cigarra". E assim o fez, agarrou a cigarra com força, mas para sua surpresa,

a cigarra já tinha saído e ali só estava sua carapaça. Este tempo que a onça ficou à espera foi o tempo necessário para ela sair de sua carapaça.

A onça seguiu o cachorro, caçando. Logo ele viu uma caça, uma paca, e começou a latir chamando o dono, que chegou e matou a caça para ir para casa, felizes. Chegando, ele disse alegremente à mulher:

“Mulher, veja, matei uma paca para comer hoje”.

– Oh! Que bom! Já vou preparar a caça”. Ela foi até sua fogueirinha cozinhar, e foram comer, até se fartarem. Quando o cachorro cresceu, o tratamento com ele se modificou. Eles foram novamente caçar e logo acharam outra caça, o cachorro latiu fortemente chamando seu dono, que matou a caça. Era outra paca. Chegando em casa: “Mulher, prepare nossa comida, veja, matei outra paca”. “Já vou preparar, meu velho”. Todo mundo se deliciou com a caça, as crianças gostaram bastante. Só houve problema com o cachorro, porque tudo mudou para ele.

Como já era um cachorro grande, ele só ganhou ossos. O cachorro ficou sentido com o tipo de tratamento e tomou uma decisão. Ele saiu da casa. Saiu e foi para outra casa, para outro dono, que se assustou e perguntou ao cachorro: “O que foi? O que aconteceu?”

O cachorro se explicou e disse: “É uma longa história, muito triste, quando meus donos me pegaram pequeno, eu era muito querido por todos, depois cresci e fiquei adulto. Aprendi a caçar e caçava, pegava bicho para o meu dono, depois de al-

gum tempo, tudo mudou. Eu comia bem no início, depois começaram a me dar só os ossos da caça, então resolvi ir embora e aqui estou procurando quem irá me aceitar”.

– Tudo bem, pode ficar, está com fome? “Sim, estou”. Então o senhor lhe serviu uma boa comida que lhe satisfaz a fome, já era noite e o senhor forrou uma esteira e falou com o cachorrinho: “Você vai deitar aqui”. O cachorro, feliz, agradeceu, abanando o rabo de contente, e foi deitar.

O senhor que o acolheu era um velho pajé. O velho pajé falou com o cachorro: “Vou dormir e pedir aos espíritos para nos indicar caça para amanhã, para nos alimentar”. No outro dia acordaram e o pajé acendeu seu fogo. Foi esquentar comida para quebrar torto e sair para caçar. Chamou o cachorrinho para se esquentar na fogueira e deu comida para ele. Eles comeram juntos.

O velho pajé disse: “Vamos caçar”. Foram mata adentro, perto de um córrego o cachorro latiu, chamando o pajé, porque estava com uma caça presa no buraco. Era uma gorda paca que o fez entrar no buraco. O pajé chegou e o cachorro latiu como se estivesse apurado, afirmando para o pajé: “Está aí dentro”. O pajé pegou um galho seco, começou a cavar, até que deu para ver a paca. Aí o cachorro pediu para puxar a paca do buraco com os dentes, e logo assim o fez. Puxou o bicho com os dentes para fora. O pajé matou a caça, falando com o cachorro: “Vamos embora para preparar o bicho”. Chegando na casa, preparou a caça, misturou a mandioca no

cozido, ficando tudo muito gostoso. O pajé deu o melhor pedaço para o cachorro, que ficou satisfeito e foi deitar para tirar uma soneca.

No outro dia, saíram novamente atrás de caça, o cachorro andou mato adentro e logo deu de cara com um macaco. A onça estava à beira do córrego e o macaco estava com um belo peixe-dourado na mão. O macaco, muito esperto, dizia: "Meu amigo, vai lá pegar o fogo para eu assar e comeremos juntos". A onça disse: "Onde está o fogo?"

– Vai, meu amigo, lá, lá está o fogo. O que o macaco falava era que o fogo era o sol saindo na aurora do dia. O macaco estava preparando uma armadilha para a onça e o cachorro, escondido, vendo a cena, não se fez perceber. Ele tinha vontade de latir para chamar o velho pajé, mas não fez. O macaco insistia: "Corre, corre lá no fogo e traga para eu assar o peixe, para comeremos juntos".

A onça saiu correndo em direção ao sol e nunca que chegava no sol, que era o fogo. Como a onça ia demorar a chegar, o macaco, muito esperto, começou a esfregar os pauzinhos um no outro e assim ele fez o fogo, assou o peixe, comeu sozinho, perto da fogueira, subiu na árvore e foi embora. O cachorrinho escondido, só olhava a cena dos dois.

Logo depois chega a onça sem o fogo, já morta de fome. Ao deparar com a surpresa: o macaco tinha acendido o fogo, assado o peixe, comido, indo embora mata adentro, a onça disse: "Ué, o macaco me pediu para pegar o fogo, mas o danado tinha

fogo, já comeu e não deixou nenhum pedaço para mim. Ah, seu danado, se eu te pego [...]”.

A onça, muito brava, entrou mata adentro à procura do macaco, mas onde ela ia encontrar o macaco? O pajé saiu mais adentro da mata e eis que ele ouve um latido do cachorro. O pajé sai correndo rumo ao latido e vê o cachorro perto do buraco. O pajé imagina outra paca, mas para sua surpresa, era um tamanduá-mirim. O cachorro latia muito. O pajé pegou um pau seco e começou a abrir o buraco. O cachorro mordeu a cauda do tamanduá-mirim e o tirou do buraco.

Chegando em casa com a caça, o pajé a prepara e logo vão comer. Ele tinha uma roça de mandioca, onde foi para trazer algumas mandiocas, as quais descascou e misturou com o bicho cozido, ficando uma gostosura. Depois de comerem muito bem foram tirar uma soneca merecida. O cachorro falou com o pajé: “Se o meu dono anterior fizesse sempre assim comigo, me dando boa comida, estaria lá com ele, mas ele ficou a me maltratar. Não estou mais com ele”.

– Verdade, não sei porque ele te maltratava, você é bom, tem boas qualidades de um cachorro, mas tudo bem, deixa para lá. O importante de toda a história é que você está bem aqui comigo e eu gosto muito de você. Amanhã vamos para minha roça pegar algumas mandiocas para colocar em nossas caças. Vamos dormir para descansarmos muito. Ao dormir o cachorro deu um grande gemido, muito estranho, como se algo tivesse lhe acontecido.

Ao amanhecer os dois estavam à beira do fogo, se aquecendo para se movimentarem. O pajé pegou seu cesto e chamou o cachorro para irem à roça. Lá tinha mandioca e, além disso, abóbora, melancia e cana. O pajé foi direto para o pé da mandioca e foi tirá-la, nisso ouviu um latido de desespero e dor. O cachorro estava deitado, tremendo de dor, muita dor. Ele olhou no cachorro, viu o sinal de dentes e que estava saindo sangue. Viu que era uma cobra que tinha picado o cachorrinho.

Ele pegou o cachorro pelos braços e saiu às pressas para casa. No caminho, pegou umas folhas e raízes medicinais para fazer tratamento. Em casa fez chumaços com folhas, pegou também raízes e misturou com as folhas para colocar na mordida. Fez tudo com muito cuidado, o pajé ficou muito triste com o acontecido com seu maior amigo de estimação. Ele colocou tudo sobre a picada, deixando sobre ele até outro dia para ver o efeito da folha e da raiz.

O pajé também acendeu seu charuto, assim convocando os bons espíritos para proteger o amigo fiel, pedindo a cura dele que ficou deitado com os remédios amarrados nas patinhas. No outro dia, para sua surpresa, o cachorro que foi acordar seu dono, dando umas latidas e lambendo seu rosto. O cachorro falou para o pajé: "Estou bem, por conta do remédio que você tirou. Estou bem".

O pajé novamente fumou seu charuto, agradecendo os espíritos por curarem seu cachorro amigo. No outro dia, o pajé falou para o cachorro:

“Hoje ainda não faremos nada, só descansar, meu amigo”. Quanto a comida, tenho ainda sobras que vou esquentar para comermos. No outro dia foram caçar frutas no cerrado: mangaba, cajuzinho do mato, jabuticaba, as frutas da Quaresma e por aí vai. A cada pé de fruta, os dois sentavam, comiam as frutas, cada fruta mais gostosa que a outra.

Os dois estavam muito felizes na andança pelo cerrado. No cerrado viram pés de pequi que tinha araras, que devoravam o pequi. Eram muitas araras. Foram para o pé da jabuticaba que tinha os passarinhos que comiam jabuticabas, que eram bem doce. Tinha uns pés de mangaba carregado. Sentaram no pé dela e foram comer a fruta da mangaba. De volta, encontraram um cajuzinho que o pajé chupou e disse que estava bem doce, “as vermelhinhas”. Encontraram também as amarelas que eram azedinhas, e mesmo assim comeram.

No outro dia acordaram muito felizes e animados.

– Vamos pescar hoje, disse o pajé.

– Parece que tem peixe grande neste rio.

O rio estava movimentado, parecia ser os próprios peixes em movimento. O pajé desamarrou o barco e o cachorro mais que depressa entrou na canoa. Ele ficou bem na ponta. O pajé foi remando, entrando no rio, e o cachorro desconfiou de um pulo do peixe: “Tem muito peixe aqui, Veja!”.

O pajé encostou sua canoa na beira, colocou a isca no anzol e jogou logo. Deu um puxado na linha, muito forte. Ele começou a puxar um grande pintado no anzol. Eles estavam muito felizes!

O **povo Boe Bororo** vive em território no estado de Mato Grosso. Antigamente vivia em territórios que se estendiam do centro-sul goiano, passando pelo Rio Xingu, chegando até a Bolívia. As aldeias possuem tradicionalmente um formato circular e a complexa organização social é dividida em clãs, gerando uma rica vida ritual. A língua falada é o Boe Wadáru que é o termo usado pelos Bororo para designar sua língua original.

CUUHÊ MĒ KRUW/

Arco e flecha Měhî

Fabio Intexynkaprek Krahô e Carlito Rõypok Krahô



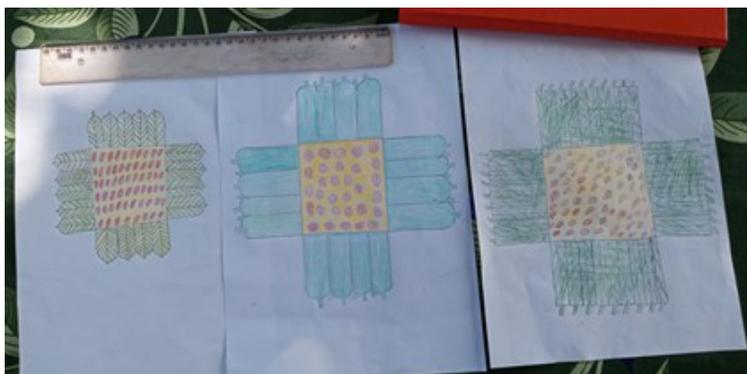
São professores da Escola Indígena Crôkroc e vivem no krin (aldeia) Cachoeira, uma das maiores e mais antigas comunidades Krahô.



Escute o conto!

<https://on.soundcloud.com/eQJnm>

Para Manuel Bertoldo e Rãřc Krahô.



Os primeiros, antigamente, no tempo de nossa bisavó, usavam muito arco e flecha. Eu não sou bom para entender português, mas assim mesmo eu vou explicar um pouco sobre a história do arco e flecha. E cantar. Naquele antigamente os povos Krahô viviam caçando com arco e flecha para a nossa alimentação, para sobreviver. Flechávamos peixe. A flecha é muito importante para a gente, por exemplo, para a furação de orelha dos Krahô. Temos que aumentar a largura e usar um pau, como pau brasil, como adereço tradicional.

O arco e flecha servia também em caso de conflitos com outras aldeias. Por isso nós sempre ensinamos sobre o arco e flecha para as crianças, por meio dos anciãos e dentro da sala de aula.

O grande guerreiro mehin sempre vai no cá (pátio central) do krin (aldeia) chamar todos os membros da comunidade para juntar e tomar a decisão de ir ou não a uma guerra contra as outras aldeias. No tempo passado só viviam os povos indígenas no Brasil. Não tinha português, então os

povos acabavam também brigando entre si. Havia muitos conflitos.

Um grande guerreiro que se chamava Tuareg, mestre do arco e flecha, era forte e valente, e convidava todos os membros de sua comunidade para ensinar a fazer arco. As mulheres todinhas iam para a roça, fazer a massa de mandioca para levar por onde os guerreiros passavam.

Chegou o dia de um importante conflito. Ele levou a comunidade para atacar outras aldeias, porque os guerreiro dessa aldeia faziam roça e arrumavam os alimentos. Tem tempo certo para atacar e tomar os alimentos todinhos, para nos alimentar. Depois iam tomar conta da roça da aldeia que foi atacada.

A minha história que eu tô contando para você, ela é minha visão dos ensinamentos dos mais velhos. Esse é o espírito e cada história, cada uma, tem seu espírito. É pelo espírito que nós somos povo Krahô. Temos nossa espiritualidade, para a gente viver. Nesse tempo de agora, os mais novos não conhecem as histórias com espírito. Não usam mais flecha e o arco, usam, às vezes, para caçar. Cada vez mais a tecnologia está chegando na aldeia e adormecendo rituais, festas, cantos, danças.

Nós educadores trabalhamos para a comunidade, nós precisamos nos orientar para continuar com a nossa cultura forte. Daí que vamos ter história, roça, alimento, saúde e alegria.

CORGOPÔ Paparuto Mẽhî

Fabio Intexynkaprek Krahô e Carlito Rõypok Krahô



Escute o conto!

<https://on.soundcloud.com/V5vj8>

Vou contar como é nossa vida com resguardo. Quando a gente casa, no primeiro filho, quando nasce, a gente faz resguardo. A gente cuida das regras. A Esposa e o Marido. Antigamente, os velhos contavam que quando o primeiro filho nascia você fazia resguardo. Só quando o filho ou filha começava a andar, parava o resguardo.

Aí os pais conversam e marcam um dia para poder caçar alguns animais grandes, para marcar o fim do resguardo, como caititu, veado do campo, manteira ou ema, para poder fazer paparuto pequeno. Não pode comer tatu sina ou Mutum, que faz mal. Nenhuma onça. Tem várias onças no território: onça-pintada, onça vermelha. Você não come até o filho completar 15 anos de idade. É tradição. É muito respeitado.

Enquanto os homens caçam, a mãe vai com mais um parente na roça para buscar mandioca, para poder ralar e deixá-la bem preparada, para fazer o paparuto, nossa alimentação tradicional. No outro dia, os parentes vão em turma buscar folha de bananeira no mato para começar a fazer a muquenha, espaço na terra para assar o alimento. Eles colocam o pau seco na terra e, em cima, colocam pedra. Trazem massa de mandioca e carne seca, que pode ser qualquer carne dos animais.

Quem prepara o paparuto são as mulheres, elas forram o chão com folha de bananeira. Antes de colocar folha de bananeira, fazem uma cordinha com embira de olho de buriti. Primeiro põem a corda, depois, em cima, coloca folha de bananeira bem direitinho, e, então, a massa de mandioca e a carne, por cima, coberta um pouco pela macaxeira. Vai deixando no jeito!

Quando dá umas 03h00 da manhã se faz uma cantoria no cá (pátio), em seguida coloca o paparuto na muquenha. Coloca e cobre com barro e vamos tomar banho. Às 06h00 da manhã recomeça a cantar ao redor do círculo da aldeia. Os jovens vão atrás

do cantador. A cantoria vai até as 03h00 da manhã. O dono do paparuto vai, então, tirar o barro de cima do paparuto às 06h00, aí a mãe da criança vai se preparando para passar pau-de-leite e pintar o corpo da menina ou do menino, para colocar pena de Juriti e passar o urucum no corpo. Nesse momento o cantador vai gritar: "Ku ku ku ku ku ku".

Nossa aldeia é dividida em dois partidos: Wacmèjè e Katamjè, ambos cantam de alegria. Esse é um resguardo que cuida de nossa saúde e movimenta o krin (aldeia). Resguardo é respeito!

Eu já passei por essa situação, então conheci um pouco a história. Há muitos resguardos entre a gente, todos eles buscam cuidar da gente com respeito. Cada resguardo é diferente. Eu passei dois meses de furação da orelha. No primeiro filho, gastei dois meses também, eu não comia carne, nada, só buriti, milho e macaúba. É bom fazer resguardo. A pessoa que não faz resguardo, vai cair cabelo, vai ficar mais velho rápido. Tudo tem que ser respeitado.

O **povo Mëhî Krahô** vive no nordeste do Estado do Tocantins, na Terra Indígena Kraolândia, nos municípios de Itacajá e Goiatins, entre os rios Manoel Alves Grande e Manoel Alves Pequeno, afluentes da margem direita do Rio Tocantins. Mëhî é como se autodenominam, Krahô é o nome que vem de fora do território. O território Mëhî é constituído predominantemente pelo Cerrado, contribuindo para a preservação de cerca de 300.000 ha. do bioma. A população Mëhî se compõe por mais de 3.000

...pessoas que vivem em cerca de 40 aldeias.

ALDEIA DOS PÁSSAROS

Cipriano Pereira Timbira

É professor e liderança de seu povo. Vive em sua aldeia no sul do Maranhão.



Escute o conto!

<https://on.soundcloud.com/rHXM1>

Para minha avó Iakopo Iracema Ipé.

Quando o meu povo surgiu neste universo, surgiu junto também as adversidades e o modo de vida. Naquele tempo, tinha um homem que era casado. Era um homem trabalhador e forte, que foi acampar para uma caçada. Quando foi de noite,

uma formiga saúva entrou no ouvido dele e começou a morder lá dentro.

Ele voltou para a aldeia e a dor só aumentou, passou um dia, no outro dia ele queria tirar a saúva, e nada, não conseguiram tirar essa formiga. Ela seguia mordendo dentro. No segundo dia o ouvido dele já estava bem inchado mesmo, ele já não conseguia comer mais, e assim se passaram alguns dias.

Ele estava ficando muito magro, magro mesmo e toda vez quando ele saía, a águia ficava olhando, vendo o sofrimento dele. Ela teve pena dele e foi para a terra, onde eles, os parentes das águias, falam e todos os animais falam, então resolveu que no dia seguinte levariam este homem para o céu, sem que ninguém visse.

As águias aproveitaram quando ele foi para o mato, para o brejo banhar. No meio do caminho a águia disse que ia cuidar dele, porque o sofrimento dele era muito grande.

A águia chamou outra companheira, colocaram ele no meio das asas dela e subiram com ele. No meio do caminho já bem alto, o urubu queria levar ele, só que a águia já sabia do jeito do urubu.

– Deixa eu levar, deixa eu levar ele, deixa eu levar ele enquanto você descansa, compadre. Disse o urubu para a águia. Mas a águia já sabia o jeito do urubu: “De forma alguma eu vou confiar em você. Eu sei como é seu jeito”. O urubu insistiu, insistiu, insistiu, até que a águia, mesmo sem querer, cedeu e disse: “Eu vou deixar você levar um pouco. Sem gracinhas, por favor, isso aqui é coisa séria”.

– “Pode ficar tranquilo, pode confiar em mim”.
A águia passou o homem para o urubu e ele foi subindo, subindo, subindo, subindo, quando de propósito, ele soltou o indígena e ele foi para baixo, caindo de novo. O gavião que é muito veloz chegou a tempo e o salvou antes de ele se espatifar no chão. Com muita luta, subiram de novo com ele. A águia falou para o urubu: “Não confio mais em você. E não adianta você pedir que não tem mais chance. Não vou confiar mais em você”.

Eles chegaram no céu, onde todos os animais e pássaros falam, e aí caçaram um meio para tirar essa formiga que estava mordendo o ouvido do homem. Estava saindo até pus. A águia disse: “Só um pássaro aqui é capaz de fazer tamanha atividade com eficácia para que esse rapaz possa ficar curado. Tem que ser com a presença do beija-flor”. Chamaram o beija-flor, ele chegou lá e com seu bico fino e elegante penetrou lá dentro do ouvido do rapaz, e conseguiu tirar a formiga. Quando ele tirou a formiga, a formiga tava bem grande e o homem começou a ouvir direito.

A águia foi, então, na fonte, um lugar que tem água bem limpa e lavou o ouvido do rapaz. No dia seguinte ele já estava melhor, aí a águia ordenou para que seus amigos fossem caçar para juntar alimentos para ele. Então todos foram conseguir juntar alimento.

Ele estava muito magro, então ele começou a comer bem. Lá de cima ele conseguia ver tudo em sua aldeia. Quando ele estava comendo, viu que o

seu irmão estava tendo um caso com a própria esposa dele. Ele ficou com muita raiva e ficou triste ao mesmo tempo. Por se tratar de seu irmão, o silêncio tomou conta dele e a águia reparou. Ela chegou e falou para ele: "Nós vamos te dar alguns poderes para você, a gente vai te ensinar muitas coisas, pois a gente viu que você é uma pessoa de bem no seu coração, fala conosco direto, sua presença aqui é muito forte".

Todos os animais passaram por ali e deram um pouquinho de poder para esse indígena. Ele podia, então, se transformar em qualquer ser. Ele se transformava em beija-flor, se transformava em papagaio, se transformava em anapurus.

Um dia a esposa dele saiu e foi caminhar com o irmão dele. Ele resolveu descer e se transformou numa formiga tocandira. Quando estavam sentados, ele foi e picou os dois. Essa picada os deixou muito doentes.

Ele teve pena e os curou novamente.

O **povo Timbira** vive no sul do Maranhão e tem relação de parentesco com outros povos que se estendem desta região ao centro do Tocantins, como os Krahô, Apinajé, Gavião, Canela e Krikati. São conhecidos pela resistência e por sua musicalidade, bastante bonita e complexa, assim como seus parentes Timbira.

A HISTÓRIA DE ORIGEM DO POVO IÑY BERATXI MAHADU



Mariana Maluhereru,

*Professora na Colégio Maurehi, na foto
acompanhando o cardume de pintado há 3
anos.*



Escute o conto!

<https://on.soundcloud.com/9vMi5>

Para minha avó Mariana Maluhereru Karajá.



Colégio Maurehi
Foto: Valdirene Mahudike Leão Karaja.

Essa é uma história muito importante para nós. Antigamente nosso povo morava no fundo do Rio Araguaia. Lá eles eram imortais. Não existia morte, nem fome, nem doenças infecciosas. Os alimentos eram saudáveis, as frutas, as carnes eram de caça. Naquela época, os Iñys viviam em paz, não existiam conflitos. Todos tinham liberdade para caçar e coletar frutas, mel de abelha.

Num belo dia, o Woubedu saiu e foi procurar mel de abelha para fazer a cerimônia de sua filha. Ele não encontrou e já estava muito cansado de procurar quando resolveu dar um mergulho num lago. Quando ele mergulhou, ele boiou e apareceu em outro lugar, em outro mundo!

Ele avistou muitas caças, frutas, aves, peixes e toda a beleza do novo mundo.

Depois de apreciar tudo lá, ele resolveu voltar para buscar a sua família, para morar lá no Novo Mundo. Quando eles mergulharam para atravessar

no buraco, todos passaram, menos o Kyboi, porque ele era muito grande, aí não conseguiu passar. Quando essas sete pessoas boiaram no Novo Mundo, Ereditã viu galhos secos, galhos de árvores secos das árvores jatobá, buriti, pé de goiaba. Logo ela percebeu que havia morte também nesse novo mundo.

Ele resolveu voltar para o lugar de origem onde tinha nascido, conhecia e vivia, e fez um alerta para todos os Iñys sobre o novo mundo, que lá existia morte. Ele disse para os Iñys não atravessarem. Pediu, então, para o peixe-elétrico ficar bem na passagem dos mundos, no lago e dar choque nas pessoas que fossem atravessar, evitando a passagem dos Iñys.

Essa é uma história de origem do povo Iñy, que a gente sempre ouve dos anciãos, das tias, dos avós.

O **povo Iñy Karajá** vive próximo do Rio Berohoky, o Rio Araguaia em português, centro de sua cosmovisão, em territórios nos estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso, além da Ilha do Bananal, a maior ilha fluvial do mundo. Iñy é a autodenominação do grupo, que é chamado Karajá pelos não indígenas. São amplamente conhecidos por seus rituais, como o Hetohoky e sua arte, como as ceramistas Karajá. Beratxi Mahadu quer dizer povo do fundo do rio Araguaia.

HISTÓRIA DE 'RATA' RÁ DO A'UWÊ

Goiano Tserema'a Hipru Xavante

É professor e mora na terra indígena Pimentel Barbosa. Na aldeia Sõ'repré, município de Ribeirão Cascalheira, Mato Grosso.



Escute o conto!

<https://on.soundcloud.com/dvG7h>

Para o avô Agostinho Seresu.



Vou falar sobre atrará, que é uma história de filhote de arara-azul, que os senhores da aldeia contam para os jovens Ai'repudu. Esses anciãos, o senhor Sereburã Xavante, meu pai Hipru Xavante e Sidówi Xavante contam histórias para a crianças. Eles gostam de contar a história dos antigos, enquanto estão vivos. Infelizmente, alguns anciãos se foram para o outro lado da vida, muitos durante a pandemia. Eles deixaram os seus conhecimentos para a nova geração, são os historiadores do povo A'uwê Uptabi.

Eu mesmo sempre gostei de ouvir os acontecimentos dos antepassados, quando contam suas histórias. A seguir conto a história do filhote de arara-azul. Um genro queria sair sozinho na caçada, no mato, mas o menino cunhado quis sair junto a caçar. O genro aceitou. Saíram juntos no mato, caçando os animais para alimentar os familiares.

Foram no mato caçar e, de repente, ouviram o grito de filhote de arara-azul, da Atrará. O filhote estava em cima da serra. E a serra é muito alta!

O genro pediu para o menino subir, então o menino subiu com uma escada. Quando ele subiu, o menino gostou do filhote de arara. O menino não queria mais dar a arara para o genro. Ele mentiu e disse que não encontrou o filhote. Ele queria criar esse filhote na aldeia.

O genro não acreditou nele e jogou uma pedra no cunhado, que desmaiou por alguns minutos. Ele ficou bravo com o menino. Por isso jogou fora a escada e foi embora, deixando o menino para trás, em cima da serra.

O menino sofreu muito tempo sem comer nada e nem tomar água, e assim, de repente, o avô do menino chegou, se aproximando para ajudar o neto. O menino ficou assustado com o barulho da chegada do avô, que era a onça, o HU (onça). Quando o avô se aproximou, pediu o filhote de arara e perguntou também o que ele estava fazendo ali cima.

Ele estava cuidando do filhote de arara. O menino jogou o filhote de arara para o avô que o comeu. O avô pegou a escada para o menino descer e o menino estava com muita sede. Muita sede mesmo! No tempo que ficou em cima da serra, ele tinha que beber seu xixi.

Quando ele desceu, o avô levou o neto em cima das costas. O menino estava com sede, e fazia um barulho assim "ram ram ram ram". O avô achou uma água no Buritizal. O menino desceu e tomou

toda a água. Não sobrou nada. O menino seguia com o roncado da barriga: “ram ram ram ram”. Eles acharam mais uma fonte de água e o menino a tomou inteira novamente. Em seguida o avô-onça achou um córrego grande e largo. Dessa vez ele tomou a metade.

Chegaram na aldeia e o avô o ensinou a caçar. Ele conheceu também o fogo para assar a carne de caçada do avô. A carne era de queixada. O menino comia, comia, até ele engordar e voltar ao corpo normal.

Ele ficou muito admirado com o fogo, que nunca tinha visto. O avô começou também a pintar o corpo do neto com carvão. Quando ele engordou, o avô mandou o menino escondido de volta para sua família. Ele estava se escondendo para ninguém ver que ele estava vivo. De manhã ele viu o irmãozinho.

– “Vem aqui, vem!” Mas o irmãozinho estava com medo. Estranhou aquela outra pessoa e não foi. De tarde ele chamou de novo e o menino foi lá perto dele. Ele deu um pedaço de carne escondido

– “Quando chegar lá, você tem que lavar bem a mão. Para que ninguém sinta esse cheiro de carne. Você vem escondido, e você fica comendo aqui”. O irmãozinho voltou para a aldeia e a família toda sentiu o cheiro de carne.

– De onde vem esse cheiro de carne? É tão bom, tão gostoso.

No início o menino não falou nada, mais tarde não resistiu e contou que foi o irmão sumido dele

que lhe deu um pedaço de carne assada. Ninguém sabia que existia o fogo.

Quando o menino finalmente foi descoberto pela família, toda comunidade foi lhe procurar. Teve abraços e choros pela saudade! A comunidade gostou de carne assada de queixada. O menino contou que foi o avô, que era o dono do fogo. E era onça também.

A comunidade se reuniu, então, para roubar o fogo da onça. Entre os Xavantes, muitos se transformaram em animais para poder roubar o fogo da onça. Era importante ser um animal rápido.

– Eu quero ser anta, quero ser veado, quero ser cervo, eu quero ser capivara. Eles foram se organizando para roubar o fogo. Na primeira corrida foi a anta que tentou pegar o fogo, quando a onça estava dormindo. A segunda tentativa foi a do cervo. A terceira do veado-campeiro. Depois a seriema, que corre muito também. Em seguida a capivara.

Eles conseguiram roubar o fogo e a capivara quase o apagou, mas o Beija-Flor não deixou e salvou o fogo. Levaram o fogo até chegar na aldeia. Todo mundo ficou muito feliz. Para nós, para o povo Xavante, o fogo vem da onça. É assim que a história foi contada. Só a onça que ficou com raiva, brava.

– Então não vou ter mais fogo? Agora comerei carne crua. Vou comer muito. Não preciso assar mais.

Essa é a história da arara-azul, da onça, do fogo e da alimentação. Ela é contada por anciãos no centro, no Warã. Ela é importante para nossa educação indígena escolar.

O **povo A'uwê Xavante** vive em territórios no estado do Mato Grosso. Há diversas terras indígenas Xavante, como Parabubure, Marechal Rondon, Maraiwatsede, São Marcos, Pimentel Barbosa Sangradouro/Volta Grande. A'uwê é a autodenominação do povo, que fala língua Jê, A'uwê Uptabi. Xavante é como são conhecidos na sociedade nacional. Possuem uma população de aproximadamente 23 mil pessoas. Possuem ampla experiência no campo da educação escolar indígena, produzindo dissertações e teses a respeito.

WASITOPRE ESTRELA



Ângela Nēprerê de Brito Xerente

*Com seus filhos, Sitrê e Wairurã
na aldeia Brejo Comprido, onde é
professora na Escola Indígena Suzawre.*



Escute o conto!

<https://acesse.dev/RZqS0>

Para meu avô Joaquim Kasuwamrĩ.

Meu nome é Ângela Nēprerê de Brito Xerente.
Eu sou Waptokwa professora. Sou mulher Picon. Eu

vou contar o que meu avô contava, e vou dedicar essa história, esse conto, para o meu saudoso avô Joaquim Kasuwamrī. Antes de contar, eu vou cantar a cantoria que minha bisavó me contou, lembrando dela, que hoje não se encontra mais entre nós, a Luiza Wakedi.

Certo dia ela me chamou e disse: “minha neta, eu vou cantar uma cantoria. Você é pequena, mas se você guardar na memória, um dia você vai cantar”. Hoje me recordo do dia em que ela me ensinou essa cantoria: O Canto das Mulheres. Eu dedico também esse conto para meu pai, Jonair Ainaksêkō Calixto Xerente e para minha mãe Vanda Brudi.

Meu avô, certo dia, me contou o romance do jovem Akwê com a estrela. Ele dizia: “Nunca ache uma estrela bonita, nunca, não pode!”

Certa noite havia um casal Akwê que só tinha filhos homens. Tinha dois que já eram maiores, os demais eram menores.

Numa noite de lua cheia eles pegaram a esteira e deitaram no terreiro de casa. A lua estava cheia, lua bonita, dava para ver todas as estrelas no céu! O segundo irmão começou a observar todas as estrelas. Ele achava que uma era a mais bonita. Ele viu uma estrela que brilhava diferente das outras: “Olha aquela estrela!”, disse para seu irmão. “É a estrela mais linda de todas. Eu me casaria com ela se ela viesse aqui, se eu pudesse”.

O irmão não lhe deu ouvidos e ele agarrou no sono, no terreiro mesmo. Na alta madrugada, ele acordou deitado no terreiro e se surpreendeu com

uma mulher bem bonita, uma mulher que brilhava, ao seu lado.

– Quem é você? Da onde você veio? Diz que a estrela falou: “Você não me achou bonita? Você não queria casar comigo? Aqui estou eu. Eu sou a estrela, aquela que brilhou mais do que as outras. Aquela que você achou bonita. Esse segredo é só nosso, ninguém pode saber!”.

O dia foi amanhecendo, a mulher foi perdendo o brilho e se transformando em uma estrela. Quando o dia estava clareando, antes que as pessoas acordassem, ele pegou a estrela com pano, enrolou e guardou no cofo (cesto). Em seguida foi pescar, mas disse à mãe: “Mãe, eu vou pescar, mas ninguém pode mexer naquele cofo. Ninguém pode pegar nada do que tem lá dentro”.

– Tá bom, eu vou proteger, eu vou prestar atenção nesse cofo. Isto gerou curiosidade em toda a casa.

Quando a mãe se desatentou, se distraiu, os irmãos mais novos ficaram curiosos e foram ver o que tinha no cofo. Desenrolaram o pano e viram que era uma estrela. A estrela saiu e correu atrás do rapaz que tinha ido pescar, do jovem wapte (adolescente) gritando. Mas esse grito era em voz baixa. Ela gritava para ele esperar. O jovem escutou e esperou, afinal era a estrela, a mulher Wasitopre.

– Os seus irmãos me descobriram. Eles me viram. Então eu corri. Eu quero ir pescar com você. Os dois foram pescar.

A mulher estrela chamou o rapaz para conhecer sua aldeia. Ela o pegou pela mão e correu com

ele até os pés de macaúba. Foi puxando a folha de macaúba, quando puxou um, o pé abaixou e foram ao céu. Eles entraram no olho do pé de macaúba e subiram num instante, num piscar de olhos já estavam na Aldeia da Estrela, no espaço. Aí quando chegou lá, era a coisa mais linda do mundo.

Todo mundo brilhava, mas ela era a que mais brilhava. Ela o apresentou para a família dizendo que era um wapté da terra, um jovem da terra, o namorado. A família da Wasitopre o aceitou, mas só que tinha um porém. Eles falaram que só ele podia saber o caminho entre as aldeias, o caminho para a aldeia da mulher estrela. Era um segredo. O rapaz concordou.

Eles faziam essa viagem quase todo dia. Um dia, a mulher falou que ia na roça de sua aldeia pegar batata-doce e, então, num piscar de olhos já estava em casa com a batata-doce moqueada na brasa. Na terra, na aldeia do rapaz, ele dava batata-doce moqueada na brasa para família, para sua mãe, deixando todo mundo curioso.

– Onde você encontrou este alimento?

A estrela seguiu mostrando e ensinando as ramas de batata-doce, de abóbora, melancia, milho, e muito mais. Contou como se plantava, como se colhia quando se fazia isso. Ensinou sobre roça, alimentação, saúde, bem-estar.

Nessas idas e vindas, o rapaz se arrependeu do que vivia, pensou que tudo que ele via naquela viagem era estranho: “Tenho que me livrar dessa estrela mulher, porque não está nada normal para mim,

não. Quero saber qual é o pé de macaúba que vai para o céu, e qual é o pé que vem do céu para cá”.

Ele convidou a mulher estrela para pescar. “Bora!” Lá, perguntou para ela sobre os caminhos entre as aldeias. A estrela Wasitopre mostrou tudo de novo. Ela ainda o alertou que se ele fugisse, poderia morrer, porque havia um grande compromisso. E se tudo seguisse bem, poderia haver outros casamentos entre pessoas da terra e pessoas da aldeia da estrela. Em seguida, Wasitopre foi para a roça. O rapaz puxou o pé de Macaúba e fugiu. A mulher estrela tentou fazer com que ele voltasse, mas nada deu certo. O jovem não deu atenção. Ele queria mesmo era chegar logo em sua casa e a mulher estrela começou a chorar.

O rapaz chegou correndo em sua aldeia, para casa dos pais. Logo estava com febre. Seu povo chamou o pajé. Deram remédio, mas não adiantou. Era uma febre alta. Febre alta mesmo. Mesmo com essa febre toda, ele contou toda a história para os pais. Contou tudo, tudo, tudo! O pajé disse que não tinha como reverter a situação, pois ele quebrou um compromisso muito sério.

– Eu não tenho como tirar ele dessa. Ele se envolveu com a estrela.

Meu avô diz que o jovem se foi. Partiu. Desde então, ele afirma que o povo Akwê não pode mais ter essa relação com a estrela, com a lua, com o sol, porque o rapaz tinha quebrado o trato. Por isso, meu avô diz que hoje não podemos mais falar com os astros, apenas admirá-los!

Esse é o conto. Um conto contado pelo meu avô Joaquim Kassuamé.

O **povo Akwê Xerente** vive em dois territórios no estado do Tocantins, Terra Indígena Funil e Terra Indígena Xerente. Lutam para defender o Cerrado. Falam língua Akwê do tronco Jê. Akwê é a autodenominação, Xerente como são normalmente conhecidos na sociedade nacional. Possuem uma população de aproximadamente 4 mil pessoas.



Desenho:
Gil Morais

A decorative header featuring a teal geometric pattern with interlocking lines and diamond shapes on a black background.

A PREGUIÇA PIMENTA

Bete Morais

Era uma manhã de inverno no Alto Rio Negro, estava muito frio, eu e meus irmãos estávamos ao redor da fogueira, e o nosso pai Wiráwaçu (pai grande pássaro) assava muitos peixes. O café da manhã era bejú quentinho, mingau de banana-verde e assado de Mandi.

Enquanto todos estavam felizes e contando piadas, o meu irmão mais novo estava sentado no canto da casa de fogo, no seu pequeno banco com desenho de jabuti. Ele estava emburrado porque meu pai não quis pegar uma pequena lontra para ser o seu amigo de mergulho.

Nós éramos três irmãos, eu, o mais velho, João, o Antônio, o segundo filho e o caçula Miguel, todos nomes foram escolhidos pelos padres, mas o meu pai chamava o caçula de Muihpü (Sol) ou de Curumim (menino).

Naquele dia, meu pai ao ver o caçula emburrado disse:

– Curumim vem aqui! Eu vou contar a história da Preguiça Pimenta, mas nada de cara emburrada!

O Curumim olhou desconfiado e foi se aproximando devagar ao redor do fogo. O caçula amava o momento das histórias, era o momento de alegria em casa. O meu pai amava fazer rodas de contação de histórias antes de dormir, ele tinha muitas histórias sobre suas longas viagens dentro da mata.

Lembro que nesse dia ele não saiu para caminhar na mata porque estava chovendo muito, então ficamos em casa, apenas conversando e tomando mingau enquanto a minha mãe Maria preparava a massa de mandioca para fazer bejú.

Antes de iniciar a história o meu pai serviu mandi assado, trouxe bejú e mingau, e depois disse:

– Comam! E iniciou a história, dizendo:

No tempo do pai, por aqui, moravam apenas duas famílias. Lembro que quando eu tinha oito anos quis muito ter um bicho de estimação, eu passei dois dias chorando, e o meu pai permaneceu em silêncio.

Bem, ele não disse nada porque eu já conhecia as regras, nada de bichos de estimação, isso porque ele dizia que era uma grande responsabilidade, e que eu precisava amadurecer um pouco mais.

Depois de dois dias chorando eu resolvi caminhar na beira do rio, e ali perto de casa tinha uma capoeira, com muitos pés de embaúba, de todos os tamanhos. Eu estava procurando alguns insetos, pensava em adotar alguns.

Depois de alguns minutos eu parei e me sentei num pequeno monte de areia, enquanto eu estava ali tentando descobrir um bichinho de estimação ideal, comecei a ouvir barulhos de galhos se quebrando. Ao ouvir o barulho eu me levantei rapidamente e olhei em direção dos pés de embaúbas, mas não consegui ver nada.

Eu fiquei um tempo parado, observando, e aí eu consegui ver pequenos galhos caindo, e não era de um pé de embaúba. Quando eu me aproximei da árvore eu vi uma pequena preguicinha tentando atravessar para o pé de embaúba para se alimentar.

No momento em que vi os seus olhos meigos de preguiça eu fiquei encantado, e logo comecei a conversar com ela. Era como se ela me conhecesse, não ficou com medo, me olhava e continuava a sua travessia. Eu fiquei a manhã toda contando toda minha história de vida para a preguicinha.

Depois que eu terminei de contar tudo sobre a minha vida, a pequena preguiça desceu devagar e veio em minha direção, ela conseguia me entender.

Quando eu a vi se aproximando fiquei muito feliz, pensei que ela poderia ser um ótimo bicho de estimação, pois era quieta e não ia dar trabalho porque a gente se entendia.

Eu olhei pra preguicinha e disse:

– Vamos, você pode ficar em casa! Depois de dizer isso, eu me aproximei, peguei a preguicinha, e saí caminhando devagar. Consegui entrar em casa sem que ninguém me visse e deixei a preguicinha perto da minha rede, onde ela ficou bem quietinha.

Antes de sair novamente eu disse para preguiçinha:

– Vou lá buscar mais comida, fique aqui quietinha porque ninguém pode te ver. E saí correndo para buscar mais comida.

Eu sabia que os mais velhos e os meus irmãos voltariam mais tarde, então consegui pegar com calma folhas de embaúba para a preguiçinha comer.

Quando eu retornei para casa a preguiça continuava no mesmo lugar e dormindo, bem quietinha. Naquele momento eu pensei:

"Ela é perfeita, não faz barulho, fica quietinha e o meu pai nunca vai perceber."

De tarde quando todos chegaram eu conversei normalmente, comi pouco e fui logo me deitar. Todos de casa ficaram preocupados com meu comportamento, mas não falaram nada.

Foi de noite que tudo aconteceu, a preguiçinha se revelou.

Depois que todos dormiram eu ainda continuei acordado, pois estava ansioso. A todo momento eu dava uma espiada na preguiçinha, mas teve um momento que dormi e acordei com um puxão na rede. A preguiçinha começou a se balançar na minha rede, começou a fazer barulho, e nesse momento o meu pai acordou e disse:

– Está com calor Curumim? Não está frio, pare com isso.

Ao ouvir isso eu rapidamente peguei a preguiçinha e coloquei dentro da rede. Até aquele momen-

to eu não sabia que as preguiças ficavam agitadas de noite, ela caminhava e saltava muito rápido.

De madrugada não resisti e dormi, a preguicinha foi direto para casa de fogo e fez a festa, ela foi se pendurando em tudo e fez um grande barulho. Os cachorros começaram latir, e a preguiça com medo se pendurou nos aturas da minha mãe, que estavam pendurados em cima do fogo.

O meu pai acordou assustado, todos nós acordamos e fomos correndo lá ver.

Eu dei um pulo da rede e saí correndo para casa de fogo, chegando lá, o meu pai estava tentando acalmar os cachorros.

Quando eu cheguei o meu pai olhou para mim e disse:

– Essa preguiça é uma pimenta! Ela destruiu tudo! Não sei como chegou aqui, ela poderia ter caído no fogo.

Eu fiquei assustado, e não tive coragem de contar para o meu pai que eu tinha adotado aquela preguicinha.

Depois que o meu pai conseguiu pegar a preguiça eu disse:

– Eu sei onde podemos deixa a preguiça Pimenta. O meu pai me olhou sério e perguntou:

– Onde?

Eu então respondi:

– Aqui perto, na capoeira, lá tem muitos pés de embaúba, talvez a mãe dela esteja lá.

O meu pai me olhou e disse:

– Estou achando estranho, não quer adotar ela?

Eu respondi:

– Eu prefiro ir lá visitar a preguiça Pimenta.

Meu pai sorriu e disse:

– Vamos todos deixar a preguiça Pimenta na sua casa.

Depois que os cachorros se acalmaram todos nós fomos deixar a preguiça Pimenta nos pés de embaúba.

A preguiça ficou por muito tempo naquele lugar, eu sempre ia visitá-la e ficava horas conversando com ela. Depois que ela cresceu deve ter mudado para outra margem do Rio, mas eu nunca me esqueci dela porque ela me enxergava, era como uma pessoa.

Depois de ouvir toda a história do meu pai, o caçula então sorriu, abraçou ele, e nós terminamos de comer.

SOBRE O E-BOOK

Tipografia: Segoe UI, Tzimmes
Publicação: Cegraf UFG
Câmpus Samambaia, Goiânia-
Goiás. Brasil. CEP 74690-900
Fone: (62) 3521-1358
<https://cegraf.ufg.br>